

GENNEP, A. V. Os ritos de passagem. 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

Alan Camargo Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Sílvia Maria Agatti Lüdorf

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Arnold Van Gennep (1873-1957), folclorista e etnógrafo germânico, publicou seu livro originalmente no início do século XX (*Les Rites de Passage*, 1909). Considerando o ritual e seus mecanismos como um dado relevante e não mais secundário, como em trabalhos anteriores, o autor problematizou a compreensão do universo das relações entre os indivíduos, os grupos e as posições em determinado contexto social. Segundo DaMatta (2000), pioneiramente, tal autor rompeu com a ideia de aspectos universais, tratando os ritos de passagem como fenômenos compostos de fases de separação e de incorporação à sociabilidade, sendo que entre estas há um período liminar, marginal ou fronteiro que o sujeito percorre para se enquadrar no plano coletivo.

Gennep desconsidera a premissa de Durkheim (1996) de que os ritos são condutas que regem absolutamente o comportamento humano levando o sujeito a determinada situação estática na sociedade, sendo esta composta de um sistema coercitivo de regras. O rito de passagem seria um período intermediário e temporário de incerteza e de crise, isto é, um interstício que possibilita o indivíduo refletir sobre a sua existência na sociedade. Nas palavras de Crapanzano (2005), “[...] para cada travessia, há sempre um momento em que não se está de um lado nem de outro, em que não se é o que era nem o que será; pois, uma vez que são discriminados, o contíguo nunca os atinge.” (p. 378).

O autor argumenta sobre a importância de se analisar o sistema social como dinâmico e compartimentalizado de uma série de rituais que definiriam os grupos e as divisões entre os indivíduos. No contexto da tradição acadêmica da área de Educação Física, pautada em

múltiplos referenciais teóricos de várias ciências, entretanto ainda calcada na preponderância dos saberes biomédicos em detrimento dos socioculturais (DAOLIO, 2007), vale considerar a contribuição de Gennep.

A trajetória dos sujeitos estaria permeada de ininterruptas passagens de uma posição social para a outra. A ideia dos ritos, regidos pela decisão coletiva e dotados de um tempo e de um espaço, se caracteriza, portanto, pela necessidade do indivíduo, de transformar o mundo e a si mesmo com o intuito de viver em sociedade. Segundo Rodolpho (2004), o rito concede autoridade e legitimidade para organizar a posição, o valor e as visões de mundo do sujeito.

O livro “Os ritos de passagem” é dividido em dez capítulos: 1) Classificação dos ritos; 2) A passagem material; 3) Os indivíduos e os grupos; 4) A gravidez e o parto; 5) O nascimento e a infância; 6) Os ritos de iniciação; 7) O noivado e o casamento; 8) Os funerais; 9) Outros grupos de ritos de passagem; 10) Conclusões. Entretanto, diante da natureza de síntese do trabalho de uma resenha, das eventuais contribuições à Educação Física e das críticas feitas a Gennep¹, optou-se por delinear o presente texto a partir dos capítulos mais conceituais.

Gennep afirma que os ritos podem assumir determinadas classificações, mais precisamente dezesseis possibilidades de classificação. Os ritos podem ser simpáticos e de contágio, diretos e indiretos, bem como positivos e negativos. Os ritos simpáticos se pautam na perspectiva da ação de objetos que possuem certa relação ou proximidade; já os de contágio se baseiam na materialidade e na transmissibilidade, isto é, à distância, das qualidades naturais ou adquiridas. Os ritos são diretos quando têm uma eficiência imediata e automática, já os indiretos dependem da intervenção de um agente para desenvolver um efeito. Os ritos positivos são atos determinados pela vontade, e os negativos, opostamente, são os atos de querer em contrapartida aos positivos (tabus)².

O autor lembra que o mesmo rito pode assumir diferentes interpretações, a depender do ponto de vista de compreensão do fenômeno; e

1-Um das críticas feitas ao autor é por ter preferido a quantidade de descrições de exemplos à densidade de compreender os ritos de passagem, como DaMatta (2011) pondera.

2-Há os ritos de purificação no sentido de suspender certo tabu, logo, de retirar a qualidade impura ou pela via dos ritos propriamente ativos que dariam a qualidade de pureza.

que diversos tipos de ritos podem se combinar. Em termos gerais, de acordo com Gennep, os ritos de passagem podem ser decompostos em ritos de separação (preliminares) do mundo anterior, de margem (liminares) e de agregação (pós-liminares) ao novo mundo.

Nessa direção, Gennep aprofunda a análise sobre a passagem material que se caracteriza, geralmente, por um limite que é marcado por algo concreto, muitas vezes delimitando espaços físicos de interdição, logo, de zonas sagradas e profanas. O sujeito pode sair do mundo anterior para entrar em um novo mundo passando por ritos em zonas consideradas neutras, como os ritos de margem. Nesse caso, Gennep apresenta a possibilidade da concretização de ritos de entrada e de saída.

O autor ainda menciona que todo indivíduo ou grupo é selecionado por determinados aspectos estabelecidos socialmente que o enquadram em um mundo sagrado ou profano. Nesse contexto, pode haver diferentes formas de lidar com o outro, com o diferente (estrangeiro) do mundo do sujeito. Uma fase preliminar, um período de margem e, finalizando, um rito de agregação sempre ocorrem, na medida em que, conforme Gennep, “[...] o mecanismo é sempre o mesmo, a saber: parada, espera, passagem, entrada, agregação.” (p. 43).

Posteriormente, o autor acrescenta que quando se perde uma qualidade, geralmente profana ou impura, e se adquire outra, isso se denomina rito de iniciação. O sujeito iniciado a um novo mundo passa pela sequência dos ritos de separação, de margem e de agregação. Nesse sentido, para Gennep, é possível compreender que há uma pluralidade de formas de início.

À guisa de conclusão, o autor reitera a noção de que ora o indivíduo está só diante de todos os grupos, ora está como membro de um determinado grupo separado de todos os outros. Gennep deixa claro que há sempre novos liminares a atravessar, pois a vida do sujeito é formada por um contínuo desagregar-se e reconstituir-se, ou seja, mudar de estado e de forma seguindo sequências típicas. Nessa perspectiva, nota-se que há certos esquemas dos ritos de passagem que abrangem uma significação essencial e uma situação relativa.

Tendo em vista o esforço do excitante texto de Gennep em se pensar a fase de indeterminação social do sujeito, isto é, o processo de identificação e de reconhecimento do indivíduo na coesão do grupo e suas implicações nas relações humanas, é razoável ponderar acerca da relevância dos fenômenos referentes ao que poderia ser denominado

“ritos de passagem” no vasto campo de estudos ligados à área de Educação Física.

Destaca-se a importância de pesquisas de cunho socioantropológico focadas na realização de práticas corporais, principalmente as mais valorizadas contemporaneamente, que poderiam ser compreendidas a partir da noção de ritos de passagem. Embora Peres (2011) aponte que, ao longo da história, a busca da beleza, da saúde e do movimento corporal sempre esteve presente em rituais coletivos, atualmente a academia de ginástica representa um dos locais, senão o principal, para tal busca.

A título ilustrativo, Sabino (2004) detectou que o uso de esteroides anabolizantes e a valorização de sentir dor na realização das práticas corporais em academias fazem parte de um ritual de construção identitária, logo, de definição da posição do indivíduo nas interações sociais. Malysse (2007) destaca que, independente da aparência corporal ou das condições de saúde, o sujeito incorpora a ideia de constante necessidade de corrigir o corpo por meio de rituais de autotransformação.

Nota-se, cada vez mais, que estas práticas tornam-se fundamentais na constituição da identidade do sujeito, o que pode ser visto na lógica da busca do aprimoramento de atributos corporais, como a estética, a saúde, a performance esportiva, entre outros. É importante se pensar que (e como) as modificações corporais são indicadores de ritos de passagem a fim de mudança de status do sujeito em determinado contexto social (LE BRETON, 2004; RODRIGUES, 2006).

De acordo com Rodolpho (2004), os rituais podem ser uma ferramenta conceitual importante para a compreensão e interpretação de determinado grupo social, de seus valores e suas crenças. No âmbito acadêmico da Educação Física, arriscamos (ou foram apontadas; ou indicadas; ou levantadas ou...) algumas dentre várias possibilidades que podem advir de reflexões acerca de aspectos que compõem a distribuição relativa e não estática de papéis e de classificações de relações sociais por meio de rituais que atravessam a área, como valoriza Daolio (2007).

Referências

CRAPANZANO, V. Horizontes imaginativos e o aquém e além. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 363-384, 2005.

DaMATTA, R. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 7-29, 2000.

DaMATTA, R. Apresentação. In: GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 9-20.

DAOLIO, J. O ser e o tempo da pesquisa sociocultural em Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 1, p. 49-60, set. 2007.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

LE BRETON, D. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Trad. Tereza Frazão. Lisboa: Miosótis, 2004.

MALYSSE, S. Em busca dos (h)alteres-ego. In: GOLDENBERG, M. (Org.) **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2 ed., Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 79-137.

PERES, M. S. Tem que correr, tem que malhar: uma reflexão sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, jul./dez. 2011.

RODOLPHO, A. L. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo**. 7. ed., Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SABINO, C. **O peso da forma: cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

.....

Recebido em: 31/07/2012

Revisado em: 07/11/2012

Aprovado em: 29/11/2012

Endereço para correspondência

sagatti@ufrj.br

Sílvia Maria Agatti Lüdorf

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Escola de Educação Física, Departamento de Ginástica.

Av. Carlos Chagas Filho, 540

Ilha do Fundão

21941-599 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil